



Influência de diferentes manejos alimentares sobre a ingestão voluntária da dieta por psitacídeos no BioParque do Rio

VELASCO, Michelle¹; FERNANDES, Alerrandro²; IEZO, Guilherme³; NICOLINI, Gabriela⁴; WERNECK, Gabriel⁵

¹ Zootecnista, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

² Zootecnista, Mestrando em Nutrição Animal da Universidade Federal do Paraná

³ Zootecnista, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

⁴ Graduanda em Zootecnia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

⁵ Zootecnista do BioParque do Rio e Doutorando da UNESP-Botucatu-SP

Resumo

Os ajustes nutricionais e de manejo são cruciais para a manutenção da saúde de psitacídeos sob cuidados humanos. No BioParque do Rio, avaliou-se o efeito de diferentes protocolos alimentares sobre a ingestão voluntária por psitacídeos em recinto de imersão. O maior consumo alimentar foi observado no tratamento 6 (T6), no qual a ração e a mistura de frutas com sementes foram fornecidas, respectivamente, às 8h e às 14h, com retirada dos itens remanescentes às 8h do dia seguinte. Apesar disso, o tratamento 1 (T1), com fornecimento às 8h e 10h e retirada às 15h, mostrou-se mais indicado por promover melhor controle sanitário aliado à adequação nutricional. A permanência dos alimentos após o entardecer favoreceu a presença de roedores, reforçando a importância da retirada diária dos itens não consumidos para garantir a biossegurança e a efetividade do manejo alimentar.

Palavras-chave: Bem-estar. Comportamento alimentar. Dieta. Psittaciformes.

Introdução

Conhecidos por seu bico arredondado e plumagem exuberantemente colorida (Sick, 2001), os psittaciformes são frequentemente encontrados como animais de companhia e em instituições mantenedoras de fauna (Lopes et al., 2016). A manutenção destes fora do seu habitat natural (*ex situ*) é uma prática que requer condições adequadas de manejo e nutrição, considerando sua influência direta sobre a saúde e o bem-estar (Nascimento et al., 2020).

Os produtos encontrados para aves silvestres incluem rações peletizadas, extrusadas, misturas de sementes e a combinação destes (Saldanha et al., 2023). É recomendado uma dieta composta por 80% de ração extrusada e 20% de frutas e hortaliças (Pereira et al., 2013). No entanto, mais importante do que fornecer produtos específicos por espécie é assegurar que a alimentação seja nutricionalmente adequada e atenda às exigências nutricionais dos indivíduos (Dierenfeld, 1997). Logo, verificar como diferentes estratégias alimentares impactam a oferta, consumo e o aproveitamento da dieta para psittaciformes é algo importante.

Objetivos

Avaliar a influência de diferentes manejos alimentares sobre a ingestão voluntária da dieta por psitacídeos do recinto de imersão do BioParque do Rio.

Metodologia

O consumo e a sobra da dieta de 145 aves (127 de médio e grande porte e 18 de pequeno porte) de um recinto de imersão foram avaliados. A dieta oferecida consistia na combinação de ração extrusada comercial para psitacídeos, frutas e sementes, e foi fornecida de acordo com seis diferentes estratégias de manejo alimentar que consideravam o tempo de

disponibilidade e retirada das sobras de alimentos no recinto, conforme mostra a tabela 1 a seguir:

Tabela 1 – Estratégias de manejo alimentar (tratamentos) aplicados aos psitacídeos

Tratamento	Horário de fornecimento da ração	Horário de fornecimento de frutas + sementes	Horário de retirada dos resíduos
T1	08:00	10:00	15:30
T2	08:00	10:00	08:00 (dia seguinte)
T3	08:00	08:00	15:30
T4	08:00	08:00	08:00 (dia seguinte)
T5	08:00	14:00	15:30
T6	08:00	14:00	08:00 (dia seguinte)

Calculou-se a quantidade de alimentos de acordo com as exigências nutricionais de psitacídeos em manutenção no software de formulação de dietas Bradypus®. Os resíduos encontrados no chão eram recolhidos no mesmo dia, para evitar o consumo por outras espécies presentes no recinto. As pesagens das sobras de alimentos foram realizadas logo após a retirada. A desidratação dos alimentos ocasionado pelo tempo, entre o oferecimento do alimento até a pesagem dos resíduos, não foi considerada no presente trabalho. Aplicou-se uma análise de variâncias (ANOVA) e um teste post hoc de tukey para verificar se houve diferença entre os tratamentos, após confirmação dos pressupostos de normalidade e homocedasticidade, ambos com $P>0,05$.

Resultados e Discussão

O experimento revelou diferenças significativas ($P<0,05$) na quantidade de sobras entre os tratamentos (Quadro 1).

Quadro 1 – Valores reais de consumo e sobras dos alimentos ofertados para os psitacídeos

Trat.	Consumo (g)				Sobras (g)			
	Arara	Periquito	Frutas	Sementes	Arara	Periquito	Frutas	Sementes
T1	2414	307	5104	944	286	233	812	0
T2	2488	323	5696	944	212	217	220	0
T3	1919	208	5353	944	781	332	563	0
T4	2587	408	5782	944	113	132	134	0
T5	2456	304	4812	944	244	236	1104	0
T6	2685	535	5820	944	15	5	96	0

Os tratamentos T3 e T5 apresentaram maior quantidade de sobras, consecutivamente, em comparação a T6, T4 e T2 com menores sobras respectivamente. O T1 apresentou menores sobras comparado aos outros tratamentos em relação ao tempo de disponibilidade dos alimentos e a retirada dos resíduos no final do dia.



O consumo de ração de periquitos e de araras foi maior no tratamento T6 e menor no T3, quando comparado aos outros tratamentos ($P < 0,05$).

O consumo de frutas também foi significativamente maior no T6 e menor no T5 ($P < 0,05$). Não foram detectadas sobras de sementes em nenhum dos tratamentos.

A presença de fezes de roedores sinantrópicos nos recintos onde os alimentos permaneceram durante o período noturno evidenciou riscos sanitários importantes. Nesse contexto, o tratamento T1 demonstrou ser o mais apropriado, uma vez que a retirada dos alimentos às 15h evitou sua permanência após o entardecer, reduzindo a atratividade para roedores e, conseqüentemente, o risco de contaminação. Dessa forma, o T1 se mostrou mais eficaz em termos de biossegurança, por aliar um manejo alimentar eficiente à prevenção de problemas sanitários, sendo o mais indicado para garantir a segurança alimentar dos animais.

Conclusão

Conclui-se que os diferentes horários de manejos alimentares influenciam significativamente a ingestão voluntária da dieta pelos psitacídeos do recinto de imersão do BioParque do Rio. Embora o tratamento T6 tenha registrado os maiores consumos, a estratégia adotada no T1 foi a mais indicada por aliar boa aceitação alimentar às práticas e medidas de controle sanitário. A retirada das dietas antes do entardecer contribuiu para reduzir a atratividade aos roedores, promovendo maior biossegurança e favorecendo o bem-estar das aves.

Referências

DIERENFELD, E. Captive wild animal nutrition: a historical perspective. In: Symposium On Nutrition Of Wild And Captive Wild Animals – Proceedings Of The Nutrition Society, Edinburgh, v. 56, 1997.

LOPES, D. C. et al. Food diversity of Timneh Parrots (*Psittacus timneh*) in the Bijagós Archipelago, Guinea-Bissau. *African Journal of Ecology*, v. 56, n. 4, p. 1039–1043, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/aje.12537>. Acesso em: 23 abr. 2025.

NASCIMENTO, D. B. do; IZIDRO, J. L. P. S.; SILVA, T. V. B. da; NASCIMENTO, J. C. dos S. Avaliação do perfil de ingredientes em rações para psitacídeos comercializadas na Região Metropolitana do Recife. *Observatório de la Economía Latinoamericana*, n. 256, p. 1–15, 2020. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/oel/2020/12/psitacideos-recife.html>. Acesso em: 23 abr. 2025.

PEREIRA, V. M. et al. Acompanhamento do manejo alimentar e estimação do consumo do alimento ofertado a psitacídeos criados junto à Fundação Zoobotânica de Belo Horizonte. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOTECHNIA – ZOOTEC 2013, 23., 2013, Foz do Iguaçu. Anais [...]. Foz do Iguaçu: [s.n.], 2013.

SALDANHA, A. et al. Voluntary intake of captive psittacines fed mixed diets of seeds and extruded feed. *Archives of Veterinary Science*, Curitiba, v. 28, n. 3, 2023. Acesso em: 23 abr. 2025.

SICK, H. Ornitologia brasileira. Edição revista e ampliada por José Fernando Pacheco. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

WHITE, N. A.; FORSHAW, J. M.; GILARDI, J. D. Cockatiels: Their Natural History and Care. 2. ed. Sydney: Avian Publications, 2011.